



O DIABO EXISTE

«*O demónio existe também no século XXI. Devemos apreender do Evangelho como lutar contra ele para não cair na armadilha. Mas não devemos ser ingénuos, é necessário conhecer as suas estratégias; as tentações têm sempre três características: começam devagar, depois aumentam por contágio e, por fim, encontram o modo para se justificarem*».

O Papa Francisco pronunciou estas palavras na homilia da missa matutina na capela da Casa Santa Marta, no dia 11 de abril de 2014. Afirma que o diabo existe, está ativo, inclusivamente hoje, no início do terceiro milénio; e, portanto, devemos aprender a travar de forma eficaz a nossa luta espiritual contra os poderes das trevas.

A quem pensa que estes são argumentos da Idade Média e que hoje, na era da Internet, do Facebook e do WhatsApp são totalmente ultrapassados, o Papa Francisco responde, perentório, que «não devemos ser ingénuos», porque o diabo também existe no século XXI! (Papa Francisco, *O diabo existe*, p. 11)

A existência do diabo faz parte do património doutrinal da Igreja Católica e tem fundamento na Sagrada Escritura, na tradição bimilenária da Igreja e no seu Magistério. O Catecismo da Igreja Católica (CIC) afirma claramente a existência do diabo (*Diábolo*, aquele que divide; ou então *satan, satana*, aquele que acusa, enquanto anjo caído:

391. Por detrás da opção de desobediência dos nossos primeiros pais, há uma voz sedutora, oposta a Deus (266), a qual, por inveja, os faz cair na morte (267). A Escritura e a Tradição da Igreja veem neste ser um anjo decaído, chamado Satanás ou Diabo (268). Segundo o ensinamento da Igreja, ele foi primeiro um anjo bom, criado por Deus. «*Diabolus enim et alii daemones a Deo quidem natura creati sunt boni, sed ipsi per se facti sunt mali* – De facto, o Diabo e os outros demónios foram por Deus criados naturalmente bons; mas eles, por si, é que se fizeram maus» (Concílio de Latrão, ano 1215, cap. 1, *De fide catholica*: DS 800).

392. A Escritura fala dum *pecado* destes anjos (2Pe 2,4). A *queda* consiste na livre opção destes espíritos criados, que de forma radical e irrevogável *recusaram* Deus e o seu Reino. Encontramos um reflexo desta rebelião nas palavras do tentador aos nossos primeiros pais: «Sereis como Deus» (Gn 3, 5). O Diabo é «pecador desde o princípio» (1Jo 3, 8), «pai da mentira» (Jo 8, 44).

Cometeram um pecado imperdoável devido ao «carácter irrevogável da sua opção» e não por «uma falha da infinita misericórdia de Deus»

(CIC, 393)

São Tomás, no “*Comentário ao Evangelho de São João* observa que o diabo “não perseverou na verdade” porque abandonou a ordem da sua própria natureza, que era a submissão a Deus para receber d’Ele a bem-aventurança e a satisfação do próprio anseio natural. Ao tentar obter a satisfação contando só consigo mesmo, ele se apartou da verdade.

“Não perseverou na verdade”. A este respeito, deve-se notar que existem dois tipos de verdade: a verdade da palavra e a verdade das obras. A verdade da palavra é quando se fala com a boca o mesmo que se pensa no coração e que corresponde à realidade [...] A verdade da justiça, ou das obras, é quando realizamos o que nos compete segundo a ordem da nossa natureza. O Senhor acenou a isto ao dizer: ‘Quem obra a verdade vem à luz, para que se veja claramente que as suas obras foram feitas em Deus’. (O diabo existe, pp. 11-12)